

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A VIDA RURAL NA ARTE DA ANTIGUIDADE

DORIA, António Álvaro

Ano: 1952 | Número: 62

Como citar este documento:

DORIA, António Álvaro, A vida rural na arte da Antiguidade *Revista de Guimarães*, 62 (3-4) Jul.-Dez. 1952, p. 307-347.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A vida rural na arte da Antiguidade

por ANTÓNIO ÁLVARO DÓRIA

Foi a terra, a gleba dura, que primeiro que tudo atraíu os cuidados do homem. Desde as épocas mais remotas, o Rei da Criação viu na terra a mãe pródiga, capaz de lhe matar a fome, de lhe cobrir a nudez, de, quando doente, o curar e, se morria, de o receber amorosamente no seu seio, ignorante ainda do trabalho lento e invisível dos vermes da terra que do seu cadáver fariam brotar germes fecundantes, capazes de transmitirem de novo a vida.

Tanto quanto nos é dado saber da primitiva história da humanidade, quer pelos depoimentos escritos que chegaram até nós, quer pelos testemunhos gravados na pedra, no tijolo ou na madeira, a vida agrícola monopolizou os cuidados do homem durante a antiguidade remota, depois de atingido um estágio mais avançado na civilização com a descoberta dos metais e a domesticação do boi e do cavalo. Só assim pode explicar-se o carácter de profunda ruralidade de algumas das civilizações primitivas como a chinesa, antes da invasão e domínio dos Mongóis, a egípcia, a caldaica, a hebraica e, mais perto do nosso tempo e de nós, a ateniense e, sobretudo, a romana.

Evidentemente outras houve, mas nestas, como nas citadas, o condicionalismo do «meio» determinou o carácter de cada civilização. Os Egípcios viveram pela agricultura, de que o Nilo foi o auxiliar mais precioso e sem o qual toda a vida se tornaria impossível nesse calcinado deserto líbico, onde o charco mais insignificante, ainda que de água podre, aparece como bênção do céu aos viajantes e aos animais.

Os Caldeus, vivendo também junto de um rio que lhes fertilizava o *habitat*, fizeram da agricultura o centro de todas as suas actividades, e foram um povo pacificamente construtivo antes de receberem

o influxo dos ferozes Assírios, que viviam da rapina e do bandoleirismo.

Os Chineses, de todos os tempos, têm sido um povo dominado pelo amor da terra, e à terra parece vinculado o seu destino: a ela voltam sempre após as grandes convulsões políticas por que tem passado esse povo laborioso, pacífico, paciente, sofredor e bom, que tantos se têm comprazido em escravizar e fazer morrer. E nem a natureza do solo, por vezes ingrata, os afasta da terra que, para eles, é verdadeira *terra mater*, embora a nós, ocidentais, de ideias tão diferentes e para quem a idiossincrasia do Chinês é incompreensível, ela pareça antes terra madrastra, terra de maldição. Percorrendo esse país superpovoado, a despeito das calamidades que, com regularidade sinistra, sobre ele têm caído—fomes, pestes, guerras—, sempre se encontra uma choça, uma cabana, um tugúrio junto do qual labuta uma família sempre numerosa, que de qualquer maneira vai à terra buscar o seu sustento e o seu vestuário, com uma tenacidade e uma resignação que muito participam do fatalismo dos muçulmanos.

Aos Hebreus, como «povo eleito» de Deus, não podia a terra ser indiferente. Logo no limiar do primeiro livro de Moisés se vê o castigo imposto por Deus ao homem delinquente, obrigando-o a lavar o solo «com o suor do seu rosto». E o mesmo Deus, que criou o homem à sua imagem e semelhança, para deleite da sua obra não a pôs dentro de qualquer palácio maravilhoso, cheio de luxo e de requintes, mas antes dentro de um «jardim de delícias», em contacto directo com a Natureza vegetal. Segundo a *Bíblia*, pois, o primeiro contacto que o homem recém-criado teve com o Mundo ambiente foi com a terra mãe que lhe dava tudo o de que pudesse carecer para se alimentar e viver.

Por isso, não pode causar estranheza que, ainda antes de congregado em Estado, sujeito à jurisdição dos Juizes e, por fim, dos Reis, este povo, cuja história é uma das maiores epopeias vividas de todos os tempos — a epopeia do sofrimento — se dedicasse às actividades agrícolas ou às que, como a pastorícia, delas derivam directamente.

Dada a diversidade do meio em que se estabeleceram depois de invadirem o país dos Pelasgos, os Helenos dedicaram-se a actividades diversas. Enquanto a agricultura tinha as honras entre os Jónios, que escolheram as terras baixas banhadas pelo mar do Arquipelago, os Dórios, encurralados entre as montanhas escarpadas do Peloponeso, criando para si um padrão de vida que lhes deu a ilusão de estarem destinados a dominar os outros povos, desconfiados ou invejosos dos vizinhos, fizeram da guerra e das actividades militares o fim único da existência, lançando assim a semente daninha que, no século IV A. C., atiraria todos os Helenos para uma luta fratricida e cruentíssima.

No entanto, a predilecção de todas as tribus helénicas, desde os tempos mais recuados, foi a vida agrícola. Se percorrermos com atenção a maior parte dessas curiosas fábulas que constituíram o abstracto da religião helénica, mais tarde adoptadas pelos Romanos, ali veremos, a cada passo, indícios de como as actividades rurais eram tidas em grande conta entre os deuses fabulosos do Olimpo. Não esqueçamos que nas lendas da infância do povo helénico, se muito há de francamente mítico, também muito existe que documenta factos reais, alguns dos quais a arqueologia moderna conseguiu fundamentar. Eram numerosos os deuses que presidiam aos trabalhos agrícolas, mas, ao que parece, os Romanos ainda os não acharam bastantes, acrescentando-lhes mais. E o «caso» triste de Tróia começou, como devem lembrar-se, quando Páris, filho de Príamo, pronunciou o seu famoso juízo, andava ele a apascentar os rebanhos do rei seu pai, isto é, no exercício duma actividade essencialmente rural. Estes factos provam a conta em que os Helenos tinham os trabalhos e actividades da agricultura, a que se dedicavam com amor.

Desde o seu início, depois de reduzidos a um povo coeso pelo génio político de Rómulo, os Romanos viveram sempre da agricultura, até ao momento — que a história haveria de considerar desastroso — em que iniciaram a sua expansão imperialista, que trouxe como consequência imediata o abandono da

terra e a convergência de todos os ambiciosos de enriquecer para as grandes cidades. E tal influência teve inicialmente a vida rural na história de Roma, que a instituição do «cidadão soldado» é única em toda a Antiguidade, embora, dentro do defeituoso sistema legal da República aristocrática, o abandono da terra por ocasião da guerra exterior tivesse tantas vezes repercussões catastróficas na vida do povo.

Antes do Patriciado se converter em «casta» com a expulsão dos Reis e a preponderância do Senado, os mais ilustres patricios não se dedignavam de tratar da terra por suas mãos; isso o consideravam como dever imposto pela consciência e pelos deuses. De todos é conhecido o exemplo do desinteressado Cincinato, que deixava a terra para comandar os exércitos que defendiam a pátria ameaçada, e, passado o perigo, voltava com simplicidade a empunhar a rabiça do arado sabino que rasgava a gleba em fundos sulcos, prometedores de farta messe.

Latinos, Sabinos, Samnitas, Etruscos, todos os povos, enfim, que depois se amalgamaram com o Povo-Rei ou por este foram subjugados, dedicavam-se à pacífica vida agrícola, com aquela simplicidade primitiva que ainda hoje se encontra em muitos recantos da Itália.

Em que momento, porém, da história do homem é que este encontrou na vida agrícola motivos de interesse para vazar em arte? Quando é que os artistas sentiram a sua sensibilidade comover-se diante dos rudes trabalhos agrícolas das eras recuadas, em que a civilização ensaiava os seus primeiros passos? Ignoramo-lo, como ignoramos a época, ainda mesmo aproximada, em que o homem deixou de gravar no osso, na pedra ou em qualquer outro material os objectos e os seres vivos que o cercavam, com intuitos de meramente os recordar, e passou a fazê-lo para seu deleite espiritual e dos seus semelhantes, isto é, não podemos determinar com precisão a época em que o homem dos tempos remotos passou da arte espontânea à arte consciente.

Hoje, já nas cavernas da Europa apareceram desenhos reveladores duma intuição artística pouco

vulgar mesmo para a época de rudeza, embora, como é óbvio, os temas sejam preferentemente cenas de caça, de guerra ou apenas se limitem à reprodução dos animais que conhecia: o urso, a hiena, o cavalo, a rena, o bisonte e poucos mais.

Entre os povos da Antiguidade oriental, que mais cedo revelaram as suas manifestações artísticas, é inegável que o Egipto é aquele de que possuímos hoje mais completo conhecimento. Os Egípcios tinham a arte em grande estima, não tanto por elles falar à sensibilidade aguda, que inegavelmente possuíam, mas sim pelo valioso subsídio que lhes ministrava para a sua complicada liturgia religiosa. No Egipto, como se sabe, tal como mais tarde na Judeia, a vida civil, a vida social, a vida política, tudo era dominado pela religião, que imperava soberana. O rei, o *faraó*, era senhor absoluto da vida e dos haveres dos seus súbditos, não como rei, mas como descendente de Amon Râ, o Sol, deus supremo criador, fonte da vida e dispensador da abundância e da felicidade. Ele era, de certo modo, o «papa» da religião egípcia, sendo os sacerdotes uma casta que o servia e que lhe devia tanta obediência como o mais ínfimo artífice ou escravo.

Por isso se compreende que todas as manifestações da arte—arquitectura, escultura e pintura, as únicas que os Egípcios conheciam—tivessem um fim último: a glorificação dos deuses ou, o que veio a dar no mesmo, do faraó. E assim, só acidentalmente e com mero intuito ornamental, aparecem cenas ou figuras relacionadas com a grande actividade dos Egípcios: a agricultura. O que hoje existe—podemos lá imaginar os tesouros que o tempo nos roubou e aqueles que ainda estão sob a terra, em recantos e túmulos inexplorados?—encontra-se disperso por vários museus ou, como no caso das pinturas murais, nas paredes interiores dos túmulos. A pintura egípcia pertence ao género conhecido pelo nome técnico de «fresco», pela forma como se fazia—as tintas eram espalhadas na camada de cal que revestia as paredes, enquanto *fresca*, por forma que, secando esta, a coloração podia considerar-se indelével: daí o nome. Tal processo foi, com o

«encáustico», ao que parece, o único que os antigos conheceram, e é por ele que ainda hoje, nos vários e raros exemplares existentes, podemos avaliar os méritos da arte da pintura antiga e da sua técnica.

Num dos numerosos e notáveis túmulos de Tebas do Egipto, e de Ramsés III, entre as pinturas descobertas no século passado, encontram-se, numa das numerosas câmaras, muitas relativas à vida rural, uma cena das quais, a sementeira, reproduzimos (*Fig. 1*). Nela se vê o sementeiro lançando a sua semente de alto, tal como ainda hoje se faz.

Na «mastaba» de Ti, por exemplo, um dos mais célebres túmulos egípcios, que faz parte da necrópole de Sakkara, situada próximo da famosa Mênfis, e que data da época da V dinastia (século XI A. C.), há curiosas cenas que, com grande realismo, repre-



Fig. 1

sentam a ceifa e as suas operações subsidiárias: a confecção das gabelas, o transporte destas, a debulha e a peneiração. Ali se vêem os ceifeiros, de grandes foices em punho, cortando o cereal, de que depois outros escravos formam grandes gabelas, que são transportadas para o celeiro onde a seguir, armados de grandes varas, semelhantes ao mangoal das nossas aldeias, o batem no solo, o moem e o transformam em farinha com que, depois, fabricarão o pão. Uma cena curiosa é a do regresso do campo, com os cavalos avançando a par, seguidos dos escravos, de varapau (enxadas?) ao ombro, semelhantes a soldados em marcha, apenas revestidos de breve tanga a cobrir-lhes os rins (*Fig. 2*). Também ali se vê uma teoria de bois, de largas hastes que, à distância de quase 40 séculos, lhes dão um aspecto muito semelhante aos nossos barrosãos de grandes cornos. Noutra cena vê-se um escravo empunhando a rabiça dum arado, que dois bois, presos por jugo, tiram, enquanto

Os egípcios tinham uma grande preocupação com a vida rural, e isso se refletiu em suas obras de arte. As pinturas das tumbas e dos templos mostram cenas de trabalho agrícola, como a colheita, a irrigação e a distribuição de alimentos. Essas imagens não apenas serviam para decorar os espaços sagrados, mas também tinham um propósito prático: garantir que o falecido continuasse a ter acesso aos recursos necessários para a vida após a morte.

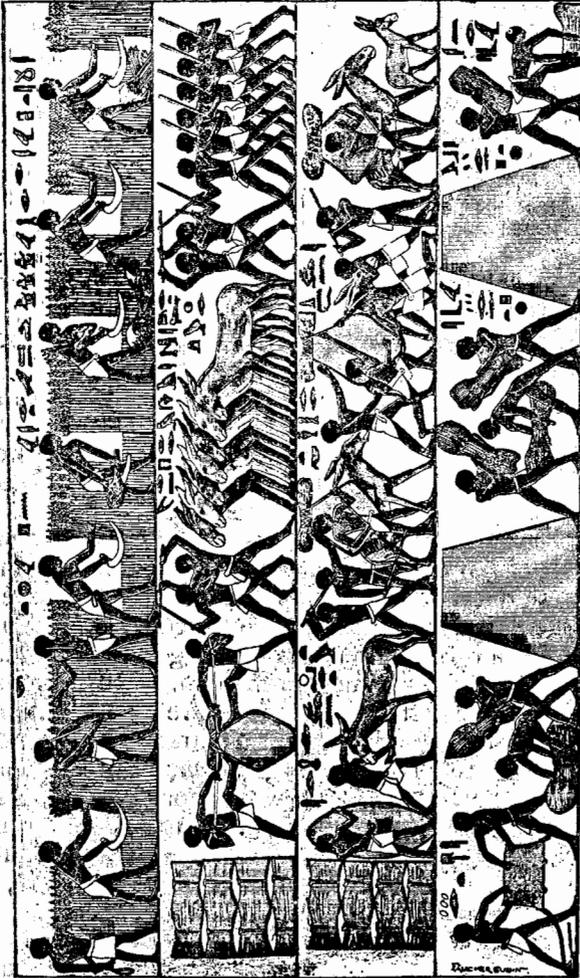


Fig. 2

As pinturas das tumbas e dos templos mostram cenas de trabalho agrícola, como a colheita, a irrigação e a distribuição de alimentos. Essas imagens não apenas serviam para decorar os espaços sagrados, mas também tinham um propósito prático: garantir que o falecido continuasse a ter acesso aos recursos necessários para a vida após a morte.

outro escravo, de vergasta em punho, os vai impelindo. Neste mesmo painel encontra-se um cavador e um sementeiro, este lançando a semente com o gesto clássico a que, muitos séculos depois, Zola ergueria comovido hino.

Friso de alto interesse estético é o das trinta e seis camponesas, revestidas dum ténue sendal que deixa ver-lhes as formas airozas, e que transportam à cabeça as suas oferendas para o sacrificio fune-rário de Ti, seu amo, que foi alto funcionário da corte de Mênfis e riquíssimo proprietário agrícola. Tudo isto nos dá uma ideia muito aproximada da vida agrícola no Egipto, que, afinal, de há 4 mil anos a esta parte apenas mudou quanto à indumentária da gente do campo, naquele tempo muito mais rudimentar do que hoje; o substracto moral é, porém, o mesmo ainda.

Na escultura existem algumas estatuetas que, de certo modo, se encontram ligadas às actividades rurais, como, por exemplo, a «mulher a amassar o trigo», a «moleira» e os «padeiros», todas existentes no Museu do Cairo, levemente coloridas e patinadas por forma a dar-lhes aspecto de vida.

Citámos, ao acaso, alguns dos exemplares mais característicos das obras de arte dos Egípcios tendo por tema assuntos da vida rural. Insistimos, porém: tudo o que existe se encontrou, ou encontra, nos túmulos, tendo por isso uma finalidade glorificadora dos mortos, portanto de carácter religioso. Não se pense, mesmo que se percorra tudo o que a Antiguidade nos legou sob esse aspecto, encontrar qualquer obra que, por si, constituísse a glorificação do trabalho campestre, como por exemplo, em nossos dias, essas admiráveis *Glaneuses* de Millet. Nada disso: a arte antiga, e em particular a egípcia, não tinha outro intuito que não fosse o da glorificação religiosa, e, às vezes, a glorificação pessoal.

Entre os Assírios e os Caldeus, nada há de análogo ao que encontrámos no Egipto. As manifestações de arte pictural, que devem lá ter existido, desconhecemo-las, e as esculturas existentes apenas representam génios, deuses, touros alados, reis no fastígio do poder, cenas de caçadas, aspectos de luta feroz, caracterizando-se pela majestade e

imponência esmagadora, típicas da arte dos dois povos irmãos. A principal actividade dos Assírios era, vimo-lo já, o bandoleirismo; e se os Caldeus se dedicavam à vida pastoril e agrícola, nada encontramos a glorificá-la nem mesmo unicamente a reproduzi-la com intuitos de recordar e legar à posteridade aspectos das suas actividades, que poderiam orientar o estudioso. Não esqueçamos que só muitos séculos mais tarde, com o advento do Renascimento, a arte se libertou totalmente da hagiografia e do carácter religioso que teve durante toda a Antiguidade e toda a Idade Média. Um caldeu não podia conceber que o lavar de um campo, o acto de semear, o recolher do



Fig. 3

gado ao fim da tarde pelas estradas da planície infinita da Mesopotâmia pudessem oferecer qualquer motivo de deleite espiritual uma vez reproduzidos em azulejo policromado nas muralhas de uma cidade, ou nas paredes dum palácio imponente, mansão do seu rei omnipotente e cruel. Para ele, que não cria na immortalidade da alma, a ideia religiosa dominava-o como ao Egípcio, embora o fim deste em propiciar os deuses fosse muito mais elevado e espiritual do que para o habitante das margens do Eufrates.

Entre o muito pouco hoje existente que a arte caldaica nos legou com reproduções de aspectos da vida agrícola da Caldeia, conta-se, por exemplo, um friso da lavoura, que pode ver-se numa pedra gravada do Gabinete das Medalhas da Biblioteca Nacional de Paris (Fig. 3). Como se vê, é um desenho

muito grosseiro, revelador de um estádio ainda muito atrasado da arte, e que representa quatro trabalhadores agrícolas, entre os quais se salienta o que, à esquerda, empunha as rabiças de um arado, enquanto um companheiro, de agulhão em punho, incita os animais.

Num cilindro de mármore verde existente no Museu do Louvre, podem ver-se dois bois, de excelente desenho, em que encontramos aquele pormenor obrigado em todos os baixos-relevos assiro-caldeus — a musculatura acentuada, característica dessa arte curiosíssima. Por efeito do desconhecimento da perspectiva, os dois bois encontram-se, rigorosamente perfilados, dando a impressão de terem apenas um chifre, o que lhes dá o aspecto de unicórnios. Há ainda a notar gigantescas espigas de milho a servir de fundo aos dois animais.

Estas são duas manifestações artísticas muito rudimentares, legadas aos vindouros por um povo que viveu da agricultura, mas na qual não encontrava temas dignos de perpetuar, talvez por não encontrar nas actividades rurais motivos capazes de despertarem o interesse, preocupados, como sempre se mostraram, com glorificar a força e a majestade dos deuses e dos génios, e as proezas guerreiras e a crueldade ferocíssima dos seus reis ferozes.

Os Hebreus foram outro povo pastoril na sua infância — e a pastorícia é uma modalidade da vida rural — e que se dedicou exclusivamente à vida agrícola depois de ter entrado na Terra Prometida, actividade de que, do ponto de vista da arte, nada chegou até nós. Todavia não deve o facto causar-nos admiração: as artes plásticas não foram cultivadas entre este povo que, como o egípcio, tinha o seu destino vinculado à religião. É na poesia e na literatura que, como adiante veremos, se encontram referências demoradas às suas actividades rurais. Se os motivos agrícolas serviram de tema para adornar interiormente as casas de habitação, ignoramo-lo: achamo-lo mesmo improvável. Quanto ao célebre templo de Jerusalém nenhuma pintura profana poderia ter-lhe alegrado as paredes, já por haver sido construído por artistas fenícios (e as actividades agrícolas não eram tidas em grande conta na sua terra, toda

dada ao comércio e à vida do mar) já, sobretudo, por a Lei de Moisés lho interdizer.

Entre os Gregos elevou-se a arte a alturas que nunca mais foram ultrapassadas, nem mesmo durante o Renascimento. Cremos mesmo que povo algum jámais ultrapassará o génio grego no campo da arte. De todos os povos helénicos, foram os Jónios, como vimos, os que, preferentemente, se dedicaram à vida agrícola, mas esta só muito escassamente encontrou eco na sua arte. Das artes plásticas, foi a escultura, sem dúvida, a que maior altura atingiu entre os Helenos. No entanto, o que hoje se encontra distribuído pelos vários museus do Mundo não tem qualquer relação com as actividades rurais: estátuas admiráveis, maravilhosas mesmo, de deuses, de heróis, de guerreiros, de personagens históricos, notáveis por qualquer razão, gerais ou polítics; cenas dramáticas, principalmente entre a estatuária da época helenística, colhidas na mitologia, como o admirável *Laocoonte*, ou em factos históricos, como *Arria e Poetos*, ou frisos formidáveis de movimento e de vida, ligados ainda à mitologia, como os do Partenão, os do Altar de Pérgamo e outros conhecidos. Nada, porém, que desse aos Gregos da era maravilhosa, que termina com a grande luta fratricida do século IV, uma ideia da grandiosidade ou da poesia da vida agrícola, facto que ainda hoje causa espanto a quem considerar que esse povo admirável possuía uma sensibilidade tão requintada como nenhum outro antes ou depois dele.

A pintura subiu, na velha Héliada, a culminâncias jamais ultrapassadas até então por qualquer povo que a cultivasse, supomos que por ter-se libertado de arte subsidiária, como no Egipto, a arte independente. Infelizmente não possuímos hoje nada que nos documente suficientemente a seu respeito, exceptuando os depoimentos escritos que chegaram até nós. Não podemos fazer qualquer ideia, mesmo aproximada, do génio de Parrásio, de Zéuxis, de Policieto, de Polignoto e do maior de todos, Apeles. O que se sabe, porém, é que eles se notabilizaram no retrato, de preferência de personagens do tempo ou de cenas da mitologia. E as anedotas que cor-

rem à cerca de certos quadros de Parrásio, a que poderíamos chamar hoje «naturezas mortas», nada nos dizem quanto ao seu valor, nem nos esclarecem em ponto algum.

Ao lado, porém, dessa espécie de pintura, a que chamaríamos acadêmica, desenvolvia-se outra, mais antiga, e de que chegaram até nós muitos exemplares, quase todos maravilhosos de perfeição e de colorido: a pintura de vasos, que, na primeira fase, se limitava a duas cores, o negro e o branco, espé-

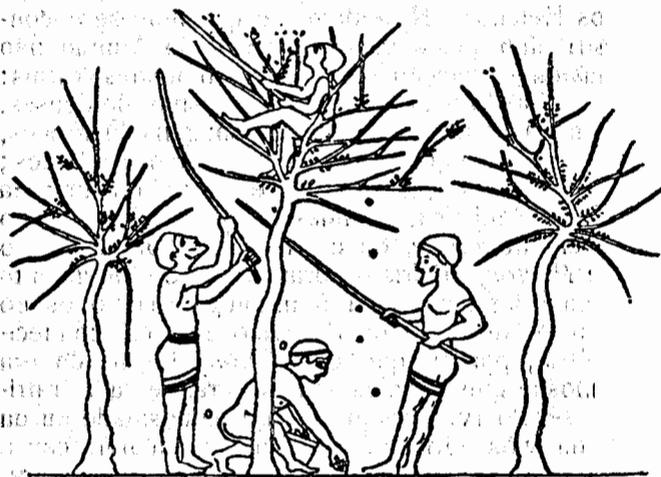


Fig. 4

cie de *grisaille*, para melhor estabelecer o contraste, mas que depois adoptou novas cores. Nessas pinturas, duma graciosidade sem par, os temas são preferentemente mitológicos ou então da vida diária do ateniense ou do cretense, havendo outros assuntos, como a literatura, que também deram aos pintores tema para o adorno de ânforas, taças e vasos, uma das mais belas manifestações do gênio artístico dos Gregos. Existe, por exemplo, uma edição moderna ilustrada da *Lisístrata*, de Aristófanes, cujas ilustrações são constituídas por reproduções das cenas da comédia copiadas de vasos do tempo.

Mas não foram só tais assuntos que mereceram as honras de figurar nesses curiosos utensílios que atravessaram os séculos e chegaram até nós, trazendo-nos a «mensagem» da arte helênica. Outros menos elevados escolheram os artistas, entre os quais figuram as cenas da vida agrícola; com frequência encontram-se aspectos do varejo da azeitona pelos escravos (*Fig. 4*), da lavoura (*Fig. 5*) e das sementeiras, mulheres amassando pão, etc. Numa linda taça, hoje no Louvre, vê-se um belo rebanho de cabras desenhadas com elegância inexcelável.

Num vaso ático figuram dois camponeses—o traje indica não serem escravos, mas homens livres—conduzindo porcos ao mercado. No Vaticano existe uma curiosa ânfora com um homem a vender azeite a

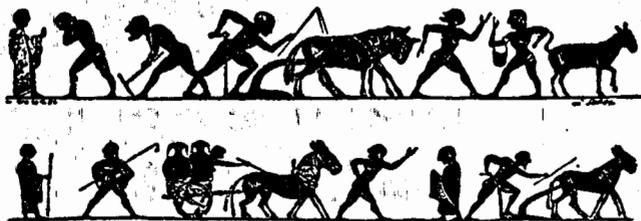


Fig. 5

outro, ambos sob os ramos de uma árvore, presumivelmente oliveira, com a legenda interessante: *Oh Zeus! Que eu me possa enriquecer!* E em outro vaso encontramos interessantíssima cena de vindima, com a particularidade de os vindimadores serem... sátiros (*Fig. 6*).

Daqui se conclui que a agricultura, nas suas variadas modalidades, não foi considerada tema digno da arte, e, portanto, de entrar nos palácios, ao passo que a aproveitavam nas artes menores, cultivadas por indivíduos das classes inferiores, o que tornava os seus temas compreensíveis daqueles a quem se destinavam.

Mais do que na Grécia, teve em Roma a agricultura honras elevadas. A Cidade por excelência (*Urbs*) nasceu sob o signo da «ruralidade», pela

força do colonato e este tinha a sua razão de ser na vida agrícola. Toda a época da República é dominada por ela, pois a grande maioria da população plebeia, constituída por « cidadãos soldados » a ela se dedicava. Só muitos séculos depois da revolução que expulsou os Tarquínios, o expansionismo romano e os novos gostos despertados pela vinda dos estrangeiros a Roma acabaram por relegar para os escravos a obrigação de cultivar as terras. Ao primitivo cidadão que, quando não defendia a pátria de armas na mão, empunhava a rabiça do arado no mister grato de lavrar a gleba, sucedera o ocioso, que passava os dias pelo *forum*, pelos teatros, pelas termas e por outros lugares públicos e de prazer,

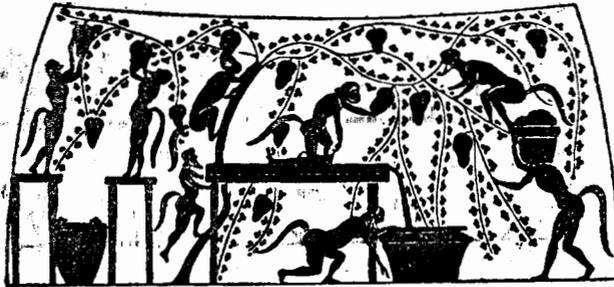


Fig. 6

falando de política, misturando-se à intensa agitação dos últimos anos da República, conspirando e mal-dizendo, enquanto a imensa legião dos escravos, sob o peso esmagador do seu infortúnio, ia cultivando a terra com uma maldição nos lábios, contra os deuses e contra os homens. Não chegara ainda a hora de esperança, em que aos deserdados da fortuna era dado sonhar com melhor vida, no seio dos bem-aventurados; não se ouvia ainda a voz inspirada dos homens da Galileia prègar, de olhos postos no céu, a mensagem redentora da Boa Nova evangélica.

Os Romanos, já o dissemos, não foram artistas. Não é de estranhar, pois, não se encontrarem senão raros vestígios da sua intensa actividade agrícola como tema de arte. Na escultura limitaram-se a

imitar, ou mesmo simplesmente a copiar, os Gregos. O que deles chegou até nós, e muito é, representa, como entre os Helenos, os deuses da sua mitologia, homens célebres da República, generais, estadistas, imperadores, personagens não identificados e outros, com as suas feições vincadamente marcadas, tendo estampado na fâcies essa dureza de feições que parecem características deste povo que, durante séculos, dominou a Europa, assim lhe dando a feição que ainda hoje conserva, a despeito das contingências do tempo e da fortuna. Os baixos-relevos dos monumentos têm por tema, sobretudo, acontecimentos históricos lisonjeiros para o orgulho nacional romano, só raríssimas vezes ali se encontrando uma que outra cena pacífica representativa das actividades agrícolas desse povo extraordinário. Há muitos aspectos da vida doméstica dos Romanos, mas, que saibamos, pouquíssimos da sua vida rural.

Da pintura romana pouco resta hoje, ainda assim muito mais do que da grega, que nada é. Apesar disso, a grande maioria do que até nós chegou encontra-se nas paredes interiores das casas de Pompeia, tesouros artísticos paradoxalmente conservados por obra da catástrofe que sepultou a cidade. Os temas são, porém, mitológicos ou frívolos, embora de grande delicadeza de concepção e de execução, não podendo causar estranheza que numa tal cidade, destinada principalmente ao prazer na estação calmosa, se nos não depare nenhuma cena alusiva aos duros trabalhos do campo. Note-se que na vizinha cidade de Herculano, todavia, igualmente soterrada pelas lavas do Vesúvio, apareceram algumas cenas da vida dos campos, em número diminuto, porém.

Em resumo: entre os povos antigos, que atingiram alto grau de civilização — e não aludimos aos Chineses e Hindus, por só muito mais tarde a arte da pintura ter desabrochado entre eles, por vezes com esplendor a rivalizar com o que conhecemos no Ocidente — apesar de as artes plásticas alcançarem alturas jamais excedidas até hoje, os temas escolhidos eram preferentemente mitológicos, e, embora em menor escala, históricos; só em casos

muito raros os assuntos quer da vida real, quer do campo, se consideravam dignos do cinzel ou do pincel de um artista, de acordo com a concepção que nessas eras afastadas os homens faziam do trabalho, em particular do agrícola.

Que influência teve a agricultura na arte literária? Qual seria o influxo desta sobre aquela? Assentemos desde já que só incidentalmente os antigos escolheram os temas da vida rural como motivos de arte. Por muito que devessem à agricultura — como no caso do Egipto, da Hélada e de Roma — eles nunca chegariam a conceber que a vida rural fosse capaz de oferecer quaisquer motivos que, por sua vez, pudessem ser postos em arte. E assim, a vida agrícola, com toda a sua beleza, considerava-se em Tebas do Egipto ou em Roma, em Babilónia ou em Atenas como digna unicamente de escravos. Era ocupação vil, por muito que Virgílio se cansasse, nos fins da Idade Antiga, a cantar e a enaltecer a felicidade dos lavradores.

No Egipto a arte literária, tanto quanto sabemos, parece ter-se limitado aos hinos compostos em louvor dos deuses. Os mesmos «livros dos mortos» não tinham intuitos propriamente literários, mas tão somente acompanhar a alma na sua descida ao reino de Osiris, onde o deus a julgaria em última instância. Se uma que outra referência se faz à agricultura, não é com intuitos de mera arte, sabido como em todos os tempos o fim último da Arte é o deleite espiritual, pelo que só hoje, os que conhecemos esses hinos religiosos entoados em louvor de Râ, poderemos avaliar a soma de beleza neles existente e, por conseguinte, o seu valor artístico. Para o sacerdote que os cantava, para o povo que os ouvia, tais hinos faziam parte integrante da literatura, tal como hoje o *Dies iræ*, o *Nunc dimittis*, o *Te Deum laudamus* e muitos que conhecemos do coral de Lutero, peças de grande beleza artística, mas que o são por mera casualidade, escritos como foram em louvor da Divindade e não para deleite dos fiéis.

E assim é que também poderemos considerar como monumentos literários do Egipto antigo as cartas encontradas em vários pontos, que nos revelam,

iamos dizer fotogrâficamente, a vida diária dos Egípcios no decurso de muitos séculos, vozes apagadas que de novo se ouvem e com uma eloquência que o sono de séculos não fez morrer. Num papiro do Museu Britânico e que Lenormant ⁽¹⁾ reproduziu na sua obra clássica, encontra-se a versão de uma descrição da vida agrícola, ou melhor, da vida dos pobres agricultores egípcios, feita por Amon-em-Apt, bibliotecário-mor de Ramsés II, em carta dirigida ao seu discípulo Pentaur, poeta épico, pela qual podemos ver qual era a vida atribulada dos camponeses no tempo do célebre faraó, cujas guerras constantes e ambições de domínio pesavam com toda a força sobre o desgraçado *feldá*. Não é obra literária, mas, na sua simplicidade, tem o interesse que lhe dá o cunho da verdade, quadro desolador, que revela eloquentemente até onde chegava o poder discricionário dos reis de Tebas, herdado pelos Romanos, pelos Turcos e que ainda hoje pesa sobre os miseráveis que mourejam ao longo do rio sagrado.

«Fazes tu uma ideia da existência do camponês que cultiva a terra? Ainda antes das ceifas, os vermes levam-lhe metade dos grãos, os porcos comem-lhe o resto; há ratos numerosos nos campos; os gafanhotos caem sobre eles, os animais destroem as colheitas, os pardais saqueiam as paveias. Se o cultivador se descuida de enceleirar o que está na eira, os ladrões levam-lho. Os bois matam-se a puxar a charrua. O agente do fisco está no cais pronto a receber o dízimo das ceifas; com ele traz auxiliares armados de paus, negros com chicotes de palma; todos gritam: — «Os grãos para aqui!» Se não há, atiram-no ao chão a todo o comprimento; amarrado, é atirado ao canal de cabeça para baixo. Enquanto a mulher é posta a ferros diante dele e os filhos são garrotados, os vizinhos abandonam-nos e fogem para irem velar pelas suas colheitas».

Se do Egipto passarmos à Caldeia, ainda menos dados poderemos obter a tal respeito. O que chegou até nós da literatura assiro-caldaica é tudo fragmentário e parece ser constituído por hinos religio-

(1) *Histoire ancienne de l'Orient*, tom. II, pág. 277.

sos, salmos, narrativas históricas, normas jurídicas, preceitos morais, poesia épica e fábulas populares de carácter moral. Nada, porém, que possa considerar-se obra de arte compreendida dentro do campo a que nos vimos referindo.

A primeira das literaturas da Antiguidade, em que muitas e frequentes são as referências à vida e às actividades rurais, é a hebraica, na sua quase totalidade incluída nessa vasta enciclopédia, dominada pelo mais elevado ideal religioso, que é conhecida pelo nome grego de *Bíblia*. Logo no cap. I do *Génesis* encontramos uma das mais antigas referências ao nascimento da agricultura, pois, segundo Moisés, tendo Deus criado Adão e depois Eva, entregou-lhes o domínio da Terra, com todos os animais viventes e

«todas as ervas, que dão as suas sementes sobre a terra; e todas as árvores, que têm em si mesmas a semente do seu género, para vos servirem de sustento a vós» (v. 29).

E se bem que, de acordo com o espírito que anima este capítulo, nem o homem nem a mulher precisassem de labutar nos campos para que a terra produzisse, pois se encontravam em «um jardim de delícias», ou Eden, forçosamente teriam de, pelo menos, colher, donde se pode concluir, um tanto paradoxalmente, que as «colheitas» são anteriores, no tempo, às «sementeiras»...

Só mais tarde, depois da queda, impõe Deus ao homem, como maldição pelo pecado, a dureza dos trabalhos agrícolas:

«A terra será maldita na tua obra; tu tirarás dela o teu sustento com muitas fadigas, todos os dias da tua vida» (*Gen., III, 17*).

«tu comerás o teu pão no suor do teu rosto, até que te tomes na terra, de que foste tomado» (v. 19).

E foi essa maldição que sempre ficou a pesar sobre a vida rural, dela fazendo um mister de profunda rudeza, embora aliciente ao ponto de atrair tantos que, pela sua formação intelectual, pareciam dela afastados.

Abundam no *Génesis* os pastores, pois a primeira fase da humanidade depois da queda foi a pastorícia, antes de o homem haver fixado o seu *habitat*, necessidade fundamental da vida agrícola. A agricultura pròpriamente dita tem assim no seu activo, entre outras, a grande glória de haver fixado o homem à terra, fazendo-o perder o carácter errante de nómada que sempre tiveram os povos pastores. A Cidade, que mais tarde havia de dominar, com Roma, a vida das nações, nasceu assim das necessidades da vida agrícola, exactamente como em volta dos *oasis* perdidos no deserto, ilhas de verdura no meio das desolações infinitas, nascem a pouco e pouco as povoações, acampamentos permanentes, já sem o carácter provisório de *aduares*.

Mas não são apenas os pastores que nesse livro admirável vemos passar e repassar. Os lavradores constituem teoria magnífica a nobilitar o trabalho árduo dos campos. Noé, por exemplo,

«aplicando-se à agricultura, começou a trabalhar a terra, e plantou uma vinha» (*Gen.*, IX, 20);

Esau, o irmão gémeo de Jacob, e que nasceu «todo áspero a modo de uma pele» (*Gen.*, XXV, 25), foi

«perito caçador e homem lavrador» (v. 27);

e Jacob e a sua numerosa descendência deram-se também à vida agrícola.

No *Levítico*, a despeito das suas prescrições de carácter estritamente religioso, lá encontramos outras respeitantes às actividades rurais, como no cap. XXV, em que Deus instituiu o *ano jubilar*.

O livro de *Rute* é, todo ele, um admirável palco em que se desenrola esse drama rural de profunda humanidade, que culmina com as núpcias da moabita com Booz, que a conheceu nos seus campos quando ela apanhava as espigas deixadas pelos segadores.

As comparações, as metáforas e as alegorias derivadas da vida agrícola são frequentes, empregadas até por homens, como Salomão, nascidos e criados na abundância e nas riquezas.

Não esqueçamos que muitas das parábolas de Cristo têm por tema assuntos da vida rural, como a do sementeiro, a do joio e do trigo, a do grão de mostarda.

Apesar de tudo, porém, todas as referências encontradas nessa admirável enciclopédia da literatura hebraica derivam apenas da influência profunda do meio agrícola, do ambiente rural em que Israel se desenvolveu e em que se conservou até à conquista romana e à dispersão que se lhe seguiu. Não havia, nem podia haver, literatura com intenções meramente artísticas. Moisés, Salomão, os vários autores dos *Salmos*, os Profetas e os anônimos que redigiram os livros dos *Reis*, o *Cântico dos Cânticos*, o livro dos *Juízes* e outros não escreveram as suas obras para causar deleite. As violentas apóstrofes de Isaías e de Ezequiel, por exemplo, vazadas embora em linguagem de superior beleza, não pretendiam deleitar mas edificar. Moisés (se ele o autor da maior parte do *Pentatêuco*) recopilou todas as tradições históricas do Povo Eleito para sua edificação. Grande parte da sua obra é constituída por preceitos de carácter religioso — educativo ou litúrgico, — ou por disposições jurídicas, base de todo o Direito entre os Hebreus. Se fizeram arte foi sem o quererem e sem o saberem. Não se busque, pois, entre a variada literatura hebraica obras de tema rural, tal como muitos séculos depois vamos encontrar nas literaturas modernas da Europa.

Das outras literaturas antigas, é a grega aquela em que, com mais frequência, se encontram referências passageiras ou demoradas à vida rural e às actividades campesinas.

No limiar dessa admirável literatura, é Hesíodo o primeiro em cuja obra a agricultura, como actividade essencial à vida, encontrou acolhida. O seu poema *Os Trabalhos e os Dias*, começa com uma longa exortação de mais de 300 versos e que é também a exaltação do trabalho, seguindo-se-lhe depois uma espécie de tratado de agricultura, passando logo o autor a preceitos de moral e de religião e concluindo por um curioso calendário agrícola dos dias fastos e nefastos, em que, no entanto, o autor,

parece não acreditar muito. É, portanto, obra de carácter didáctico, como o vão ser, séculos mais tarde, as *Geórgicas* de Virgílio e, muitos mais séculos depois, *Os Jardins* do P.^e Delille, as *Recreações Botânicas* da nossa «Alcipe», ou as *Geórgicas Portuguesas*, de Mousinho de Albuquerque. Hesíodo não pretende tirar efeitos de arte dos trabalhos agrícolas. É em episódios esporádicos — como a descrição das quatro idades do Mundo e poucos mais — que se mostra intencionalmente artista. Ainda terão de passar muitos séculos antes de o escritor — prosador ou poeta — ir à vida e ao meio rural buscar, deliberadamente, motivos de arte, embora, por vezes, como no caso do Zola de *La Terre*, com intuítos sociais, diversos dos do escritor puro.

Mais de 500 anos depois de Hesíodo, surge Teócrito, o criador da poesia bucólica, género absolutamente novo na história de todas as literaturas do tempo, e que da vida campestre tirava temas, embora, como não podia deixar de ser, essa vida campestre não correspondesse à realidade por se encontrar embelezada. Entre os *Idílios* do grande lírico helénico há algumas cujos temas são francamente rurais ou ligados a actividades domésticas da vida dos campos: os *Pescadores*, a *Roca*, os *Pastores*, os *Cefeiros*. Se não é ainda a vida rural do lavrador, os seus desalentos, as suas esperanças, as suas ambições e as suas revoltas, é, no entanto, um passo dado em frente: a abertura dum novo sector da arte literária, em que até então não se encontrara qualquer beleza potencial. No entanto, admitamo-lo desde já, Teócrito, como depois Virgílio, como séculos depois os grandes poetas do Renascimento, não escolheu a vida campestre senão como pano de fundo dos seus *Idílios*: o amor, como até então, e como desse tempo até ao Realismo, continua a ser o tema eterno, aquele considerado o único nobre e digno dum poeta.

Teócrito foi um poeta amoral, que viveu já no período alexandrino, quando a corrupção alastrava por todo o mundo grego, invadido pelos cultos orientais. A uma sociedade requintada como a de Alexandria, o inédito da poesia campesina do poeta

seria mais um motivo de atracção, que não revelava qualquer interesse pela vida rural em si, mas apenas pela novidade. E assim se explica que a obra de Teócrito esteja eivada de profunda imoralidade, que aliás macula toda a obra alexandrina. Émile Bernouf, na sua obra clássica *Histoire de la Littérature Grecque*, pôde, assim, escrever com verdade que

«plus il y avait de vérité et de naïveté apparente dans ces petits tableaux de genre, plus il y avait d'immoralité; car la vie de ces genres n'intéressait qu'à la condition qu'on la représentât dans ce qu'elle pouvait avoir de commun avec celle des villes, c'est-à-dire dans ses passions charnelles ou dans ses superstitions». (1)

E é tudo quanto a requíssima literatura grega nos oferece acerca de tal assunto.

Quando a Grécia, enfraquecida e dilacerada pela Guerra do Peloponeso e, depois, pelas lutas consecutivas à morte de Alexandre, entrava na longa noite da sua decadência sem grandeza, legando aos vindouros a mais esplendorosa lição de Beleza que jamais povo algum deu, Roma entrava na História e iniciava a sua formidável epopeia de dominadora e civilizadora de nações, traçando e abrindo a majestosa estrada da Civilização por onde, desde então, todos os povos seguiram.

Só muitas décadas após a morte de Teócrito é que na cidade do Tibre surgiram os primeiros artistas literários, escrevendo para deleitar ou para ensinar. Mas se é certo que pela vida agrícola «*facta est pulcherrima Roma*», como cantaria mais tarde o Mantuano, certo é também que só na idade de ouro das suas Letras essa mesma vida agrícola passaria a dominar o pensamento de muitos autores.

Bastantes foram os escritores que escreveram acerca da agricultura soporíferos tratados de intuítos didácticos, o primeiro dos quais supomos ser o *De agri cultura* (ou *De re rustica*) do velho Catão — Marco Pórcio Catão — esse homem impertérito, símbolo da intransigência romana ante a invasão dos

(1) Vol. II, pág. 265.

costumes orientais consecutiva às Guerras Púnicas, figura que aprendemos a visionar na biografia célebre de Cornélio Nepos. Nascido uns 13 anos após a morte de Teócrito, ele foi sempre um «lavrador» à velha maneira latina: rude mas franco, enérgico mas bom, servidor íntegro do Estado, intransigente com todas as novidades, amando acima de tudo a tradição que, no seu tempo, começava já a abrir largas fendas. O próprio nome da sua *gens*—«Pórcio» o «Porqueiro»—tem profundo sabor rural. Catão sentia nas veias correr o sangue de muitas gerações que haviam passado vivendo da terra e para a terra e contribuído com o seu esforço para levantar e firmar a grande máquina do Estado.

Por isso se compreende que o impulsor da destruição da Cartago inimiga pudesse pegar do cálamo para escrever um tratado de agricultura em 162 capítulos, embora sem qualquer método ordenado, ao sabor da inspiração do momento, apesar de fruto da experiência pessoal. Ali se encontra tudo o que diz respeito à vida duma grande propriedade, chamar-lhe-íamos hoje «granja» ou, à moda do nosso Minho, «quinta»:—desde os deveres do chefe da família, aos trabalhos campestres, dos cuidados a ter com o gado... à preparação de carnes salgadas, do mobiliário que se requer numa casa de campo... às virtudes terapêuticas da couve!

Só mais de um século após a morte de Catão é que apareceu outro poema com a vida rural como tema—os *Rerum rusticarum libri III* de Marco Terêncio Varrão, com os mesmos intuitos patrióticos e tradicionalistas daquele. Como Catão, também Varrão era lavrador; escrevia, portanto, com conhecimento directo da matéria, expondo minuciosamente o seu tema, ensinando a explorar as terras com método para daí se obterem maiores benefícios, sem, contudo, preconizar os extremismos radicais do seu antecessor em matéria de intransigência ante as inovações. Mais metódico e claro do que Catão, Varrão não escreveu ainda, apesar disso, uma obra de arte.

Hão-de passar mais algumas décadas antes de Virgílio encher o seu tempo com a harmonia dos

seus versos, a suave poesia de inspiração rústica, e de introduzir nas letras latinas o género bucólico criado por Teócrito.

Não interessa ao nosso ponto de vista qual o grau de influência de Teócrito na obra do Mantuano; apenas nos interessa assinalá-la e, ao mesmo tempo, acentuar que Virgílio, como verdadeiro filho da terra, não se limitou a imitar, mas muito da sua experiência vivida transportou para a sua obra. Pressente-se já nas suas églogas um pouco daquele ruralismo que vai encher as *Geórgicas* pouco depois. Os seus pastores não são ainda verdadeiros homens do campo, de linguagem e gostos rústicos; o quadro em que eles se movem e cantam é um tanto ou quanto vago, por vezes, como nas bucólicas IV e VI, revelam altas preocupações especulativas que não estão ao alcance das rudes mentalidades da gente rural. No entanto, apesar destes defeitos (que, diga-se de passagem, em nada diminuem a arte maravilhosa do amigo de Mecenas e protegido de Augusto), há muita mais naturalidade nas falas e nas congeminações dos seus Menalcas, Melibeus, Títiros, Silenos e Coridões, do que nas dos inumeráveis «pastores» de nomes arrevesados dos infinitos poetas bucólicos que proliferaram a partir do Renascimento. Nas suas *Bucólicas*, pois, não nos oferece ainda Virgílio nada que possa considerar-se como tema rural posto em arte.

E se nas famigeradas *Geórgicas* o poeta se não cansa de louvar e exaltar a vida campestre,

«— *O fortunatos nimium, sua si bona norint,
Agricolas! quibus ipsa, procul discordibus armis,
Fundit humo facilem victum justissima tellus.*» (1)

(1) *Geórg.* II, 457-9.

Oh muito afortunados lavradores,
Se os seus bens conhecessem! das discórdias
Bélicas longe, fácil alimento
A justíssima terra lhes outorga.

(Tradução de Francisco Freire de Carvalho, *As Geórgicas de P. Virgílio Marão*, Lisboa, 1849, pág. 56).

não deixa por isso de a cada passo manifestar os seus intuitos didácticos, claramente expressos logo na proposição do poema:

«*Quid faciat laetas segetes, quo sidere terram
Vertere, Mæcenas, ulurisque adjungere vites
Conveniat, quæ cura boum, qui cultus habendo
Sit pecori apibus quanta experientia parctis,
Hinc canere incipiam*». (1)

É, do ponto de vista didáctico, obra exaustiva, mas, à semelhança do que o severo Lucrécio já fizera com o seu *De Natura rerum*, os conselhos e preceitos são aligeirados frequentemente com bellissimas descrições: o elogio da Itália, que deixa já adivinhar os esplendores da *Eneida*, o amor entre os animais, a epizootia de Nórica, o velho de Taranto e várias outras em que sobressai a luta de Aristeu e de Orfeu, com que fecha o poema.

Acima de tudo o que Virgílio pretende é ensinar, para o que lhe sobrava talento e experiência, filho como era, ao que parece, de gente rural. Não foi, na sua infância, contaminado pela corrupção profunda que lavrava entre o Patriciado, precursora das bacanais do Império. Embora seguisse estudos regulares e tivesse por mestres alguns rectores dos mais ilustres (dizem-no discípulo de M. Elpidio, o mestre de Octávio, seu futuro protector, e de Marco António), o seu espírito não perdeu nada, ou muito pouco, da ruralidade que se respira ainda hoje na região mantuana. E assim ele aprendeu, até nos mais insignificantes pormenores, tudo o que de perto ou de longe se refere à vida rural, que fizera a glória

(1) *Geórg.* I, 1-5.

O que faça ubertosas as searas,
Em que signo lavar convenha a terra,
E aos ulmeiros unir as vides; trato
Qual deva dar-se aos bois, e qual ao gado;
E às abelhas frugais quanta experiência,
Mecenas, a cantar eu principio.

(*Ob. cit.* pág. 1).

de Roma nos tempos pretéritos e cujo abandono iria lançar a sua pátria nessa longa decadência que culminaria com o fraccionamento e destruição do Império.

Por isso, as *Geórgicas* devem considerar-se um recordatório daquilo que, no passado, contribuíra para tornar Roma forte entre as nações e, ao mesmo tempo, processo para chamar os seus compatriotas à razão, quando tudo desertava os campos deixando os trabalhos da lavoura aos escravos, e convergindo para as cidades, em busca de gozos materiais e da riqueza que os dá.

A despeito, porém, do seu didactismo, são as *Geórgicas* uma superior obra de arte, embora certos passos tenham bastante aridez, a que lhe advém do assunto que sobreleva o próprio talento do Mantuano. Mas há páginas de superior beleza, como aquela em que o poeta, ainda lírico, mas já quase épico, canta a felicidade da vida campestre e descreve, com forte colorido, as fases por que passa a vida do lavrador:

«*Sollicitant alii remis freta caeca, ruuntque
In ferrun; penetrant aulas et limina regum.
Hic petit excidiis urbem miserisque Penates,
Ut gemma bibat et Sarrano dormiat ostro;
Condit opes alius, defossoque incubat auro;
Hic stupet attonitus rostris; hunc plausus hiantem
Per cuneos (geminatus enim plebisque patrumque)
Corripuit; gaudent perfusi sanguine fratrum,
Exsilioque domos et dulcia limina mutant,
Atque alio patriam quaerunt sub sole jacentem.
Agricola incurvo terram dimovit aratro:
Hinc anni labor; hinc patriam parvosque Penates
Sustinet, hinc armenta boum meritosque juvencos;
Nec requies quin aut pomis exuberet annus,
Aut fetu pecorum, aut Cerealis mergite culmi,
Proventuque oneret sulcos, atque horrea vincat.
Venit hiems: teritur Sicyonia bacca trapetis;
Glande sues laeti redeunt; dant arbuta silvae;
Et varios ponit fetus autumnus, et alte
Mitis in apricis coquitur vindemia saxis.
Interea dulces pendent circum oscula nati;
Casta pudicitiam servat domus; ubera vaccae
Lactea demittunt, pinguesque in gramine laeto
Inter se adversis luctantur cornibus haedi.
Ipse dies agitat festos, fususque per herbam,
Ignis ubi in medio et socii cratera coronant,*

*Te, libans, Lenæe, vocat, pecorisque magistris
Velocis jaculis certamina ponit in ulmo,
Corporaque agresti nudant praedura palestra.» (1)*

A seguir evoca o passado, esse passado que foi quase uma obsessão no espírito de Virgílio, esse passado que sempre evoca em todas as suas obras, passado que era, afinal, o passado rural da Itália-mãe:

*«Hanc olim veteres vitam coluere Sabini,
Hanc Remus et frater; sic fortis Etruria crevit
Scilicet et rerum facta est pulcherrima Roma,
Septemque una sibi muro circumdedit arces.*

(1) *Geörg.* II, 502-530.

Homens há, que com o remo o mar açoutam,
Ou seguem férreo Marte, ou nos palácios
Se introduzem dos reis: este as cidades
Faz assolar, e os míseros penates,
Para dormir em leitos purpurinos,
Ou em taças beber de finas gemas:
Sobre o escondido, subterrado ouro
A cama estende o sórdido avarento:
Pasma algum admirado junto aos rostros;
De boca aberta, teatrais aplausos
Est'outro escuta, quando repetidos
Pelas vozes da plebe, ou do Senado:
No sangue dos irmãos enfim banhar-se
Até vemos alguns, e pelo exílio
Domicílios trocaram, e umbrais caros,
E irem pátria buscar em clima estranho.

O lavrador c'o arado curvo a terra
Move, daqui seu anual trabalho:
Alimenta com ele a pátria, os netos;
Ela lhe dá dos bois o armentio,
E a dos novinhos merecida prole;
Nem tem descanço, enquanto anual colheita
Com exuberante profusão de frutos,
De criação de gados, de paveias
De grãos de Ceres lhe não peja os sulcos,
Lhe enche os celeiros, e os currais lhe atulha.

Quando o Inverno é chegado, nos lagares
Mói-se a azeitona; voltam para casa
Já nédios, gordos co'a bolota os porcos;
Os bosques dão medronhos rubicundos,
E os vários frutos, que produz o Outono;
E nos seixosos altos abrigados
A uva branda vai se assazonando:
Do lavrador no entanto em torno pendem
Seus doces filhos, beijos lhes reparte;

*Ante etiam sceptrum Dictae regis, et ante
Impia quam caesis gens est epulata iuvenis,
Aureus hanc vitam in terris Saturnus agebat;
Necdum etiam audierant inflari classica, necdum
Impositos duris crepitare incudibus enses». (1)*

Tem-se dito e repetido, aliás com verdade, que Virgílio não foi um criador, mas tão somente um imitador. Mas que arte suprema a sua, e quanto ela não é superior a tantos criadores sem talento!... Imitador embora (e os que assim lhe chamam têm-no feito com intuitos depreciativos), a sua arte é pessoal, e a sua sensibilidade pessoalíssima. Nenhum poeta do seu tempo era tão sensível às pequeninas nuances que escapam ao comum do leitor e são inacessíveis aos espíritos grosseiros. Sem o epicurismo

No casto lar a pudicícia mora;
As vacas dão, e estendem lácteas tetas;
E os gordos cabritinhos sobre a relva
Entre si lutam co' as opostas pontas.
Desta família o próprio pai celebra
Os dias festivos; e recostado
Sobre a relva, e no meio o sacro fogo,
Juntamente c'os sócios enche as taças,
E, libando-as, te invoca, ó alma Baco;
Dos teus rebanhos aos maiores assina
O alvo no alto ulmeiro, aonde, despido
Té à cintura os seus robustos corpos,
O dardo arrojem no áspero certame.

(Ob. cit. pág. 59-60).

(1) *Geórg.* II, 531-539.

Viveram vida igual na prisca idade
Os antigos Sabinos, e os dous gémeos
Rômulo e Remo; e assim também a Etrúria
Forte cresceu, e Roma a mais formosa
Por ela das nações se fez senhora,
E de muros cingiu seus montes sete:
Antes que Jove de monarca o ceptro
Empunhasse, e que a impia humana gente,
Para os comer, matasse os seus novilhos,
O dourado Saturno sobre a Terra
Assim passava os dias; belicosa
Trompa não atroava ainda os ares
Com seu rouco clangor, nem sobre as duras
Bignorças ainda a espada refinia.

(Ob. cit. pág. 60).

do seu amigo Horácio, que tanto se deleitava com os aspectos utilitários da vida, Virgílio mostra-se tocado de melancolia, que, sempre que surge oportunidade para tal, se expande com profusão, indo até à visão de idades futuras de felicidades inenarráveis. A obra única no seu género nas literaturas de todos os tempos, as *Geórgicas* são bem o poema do trabalho, o livro que, profundamente imbuído do amor à terra italiana (de cujas tradições Virgílio foi o cantor máximo e enternecido), nem por isso deixa de ser, em todos os tempos e em todas as latitudes, a obra em que melhor se cantaram as benesses da terra-mãe. Como escreveu, nos nossos dias, um dos mais eminentes biógrafos e críticos de Virgílio,

«*l'amour de la nature y revêt une sorte de majesté religieuse. L'homme regarde alternativement la terre et le ciel. Le ciel le commande; la terre lui obéit. Il est l'imperator des sillons*». (1)

Também o ilustre Horácio, amigo de Virgílio, sofreu o influxo do ruralismo ainda dominante no seu tempo, quando em vez do regresso à terra já se via, desoladoramente, o êxodo da terra. Esse sibarita, ventruado, *sextariolus* (tonel) como Augusto lhe chamava por chiste, soube compreender a vida campesina, embora apenas no seu aspecto superficial de oposição à vida da cidade.

Não era Horácio oriundo do campo, mas talvez a sua humilde ancestralidade — filho de um liberto — tivesse algo contribuído para lhe dar esse amor do sossego e da vida calma como só podem concebê-lo os que vivem nos meios rurais. Em todo o caso supomos que essa admiração, melhor, essa aspiração à vida tranquila resultava imediatamente da vida agitada que teve, misturado, como se encontrou, às profundas perturbações dos últimos anos da República. Estudante em Atenas, quis a sua má estrela que os assassinos de César fugissem

(1) A. Bellessort, *Virgile. Son œuvre et son temps*. 11.º édit., Paris, 1927, pág. 106.

para a Grécia e ali organizassem um exército com que depois, em Filipos, enfrentaram as tropas de Antônio. Fugitivo após a derrota, só regressou a Roma depois da amnistia geral de Octávio, o seu futuro amigo e admirador. É possível que então, durante o longo período em que esteve ausente da capital, exercesse qualquer mister humilde para viver e aprendesse a conhecer a superioridade da vida simples dos campos em relação à fantasia dourada das altas camadas sociais de Roma, que depois o cativariam e nele teriam um dos seus ídolos.

Acarinhado por Mecenas, toda a sua obra se encontra cheia do nome do ilustre ministro de Augusto. Nas *Odes* e nos *Epodos*, em especial, a cada passo deparamos o nome do protector, se às vezes em tom de nobre gratidão, a maior parte, porém, em atitude de subserviência e bajulação, que a elegância do verso não esconde ou procura esconder. A sua obra, em que abundam expressões equívocas e malsoantes do ponto de vista moral, é toda ela uma síntese poética dos ideais dominantes nas camadas intelectuais de Roma, quando a corrupção dos costumes começava a fazer a desagregação social.

Por isso é que constituem duas espécies estranhas o Epodo II, vulgarmente conhecido pelo nome de «Elogio da vida campestre», e a Sátira VI do Livro II das *Sátiras*, a que se tem dado o nome de «O rato da cidade e o rato da aldeia», tema que séculos depois Lafontaine vai retomar nas suas *Fábulas*, mero acidente na obra mundana ou afectiva deste autor que, com Virgílio, Ovídio, Tibulo e Propércio, foi um dos grandes luminares da poesia romana do século de ouro e de todos os séculos até aos nossos dias.

No Epodo II um Álfio, usurário de profissão, de quem, aliás, Horácio chasqueia — todos os *Epodos* estão cheios de ataques pessoais, alguns de grande violência de linguagem — discreta, românticamente, acerca da vida sossegada do campo, talvez espicaçado pelos remorsos e pela lembrança das vítimas da sua usura, talvez receoso de que os azares da guerra civil possam vir a arrebatá-lhe o seu tesouro. Horroriza-o o espectro da guerra e todo o

seu cortejo de males: só a vida campestre, com os seus lavradores a lavrarem a terra, o gado a pastar, as frutas pendentes das árvores, o cantar melodioso das aves, tudo enfim que tão profundamente contrasta com a vida das grandes urbes o satisfaz, sem, contudo, se resolver a deixar a usura, pois

«*Omnem redegit Idibus pecuniam,
Quærit Kalendis ponere*».

A despeito de tratar-se de uma sátira de fino gosto, vale a pena transcrevê-la, embora muito conhecida, pois Horácio encontrava-se ainda em plena mocidade quando escreveu os *Epodos*, o que explica a violência da linguagem empregada nesta obra:

«*Beatus ille qui procul negotiis
Ut prisca gens mortalium,
Paterna rura bobus exercet suis,
Solutus omni fœnore,
Neque excitatur classico miles truci,
Neque horret iratum mare,
Forumque vitat et superba civium
Potentiorum limina.
Ergo aut adulta vitium propagine
Altas maritat populos,
Aut in reducta valle mugientium
Prospectat errantes greges,
Inutilesque falce ramos amputans
Feliciores inserit,
Aut pressa puris mella condit amphoris,
Aut tondet infirmas oves;
Vel cum decorum mitibus pomis caput
Autumnus agris extulit,
Ut gaudet insitiva decerpens pira,
Certantem et uvam purpuræ,
Qua muneretur te, Priape, et te, pater
Silvane, tutor finium:
Libet jacere modo sub antiqua ilice,
Modo in tenaci gramine;
Labuntur altis interim ripis aquæ,
Queruntur in silvis aves,
Fontesque lymphis obstrepunt manantibus,
Somnos quod invidet leves.
At cum tonantis annus hibernus Jovis
Imbres nivesque comparat,
Aut trudit acres hinc et hinc multa cane
Apros in obstantes plagas,
Aut amite levi rara tendit retia,
Turdus edacibus dolos,*

*Pavidumque leporem et advenam laqueo gruem
 Jucunda captat præmia.
 Quis non malarum, quas amor curas habet,
 Hæc inter obliviscitur?
 Quod si pudica mulier in partem juvet
 Domum atque dulces liberos,
 Sabina qualis aut perusta solibus
 Pernicis uxor Apuli,
 Sacrum vetustis exstruat lignis focum
 Lassi sub adventum viri,
 Claudensque textis cratibus lætum pecus
 Distenta siccet ubera,
 Et horna dulci vina promens dollo
 Dapes inemptas apparet:
 Non me Lucrina juverint conchyliis
 Magisæ rhombus aut scari,
 Si quos Eois in-tonata fluctibus
 Hiems ad hoc vertat mare;
 Non Afra avis descendat in ventrem meum,
 Non atlagen Ionicus
 Jucundior, quam lecta de pinguissimis
 Oliva ramis arborum,
 Aut herba lapathi prata amantis et gravi
 Malvæ salubres corpori,
 Vel agna festis cæsa Terminalibus
 Val hædus ereptus lupo
 Has inter epulas ut juvat pastas oves
 Videre properantes domum,
 Videre fessos vomerem inversum boves
 Collo trahentes languido,
 Positosque vernas, ditis examen domus,
 Circum renidentes Lares!
 Hæc ubi locutus fenerator Alfius,
 Jam jam futurus rusticus,
 Omnem redigit Idibus pecuniam,
 Quærit Kalendis ponere». (1)*

(1) Transcrevemos a tradução portuguesa que mais de perto segue o original latino de Horácio, e que se deve ao infeliz José Anastácio da Cunha:

Feliz quem, apartado de negócios,
 Como no tempo antigo,
 Com seus bois um paterno campo lavra,
 De lucros não cuidando,
 Nem o desperta a bélica trombeta
 Nem teme o mar irado.
 Foge dos Tribunais e das soberbas
 Portas dos poderosos
 Mas ou da vide as varas já crescidas
 Aos altos choupos une
 E, cortando-lhe os ramos que não prestam
 Enxerta outros melhores;

A Sátira VI do Livro II, a despeito de integrada num livro de Sátiras, constitui o único testemunho exacto dos sentimentos sinceros de Horácio

Ou num remoto vale andar vagando
 Dos bois vê o rebanho;
 Ou guarda o mel em talha; ou tosquia
 As doentes ovelhas.
 E quando ergue nos campos a cabeça
 De fronte ornada, Outono,
 Como gostoso a pera colhe e a uva,
 Que em cor excede à púrpura,
 Para oferecer a Priapo e a Silvano,
 Que os campos lhe defenda.
 Regala-se de estar ora debaixo
 De uma azinheira antiga
 Recostado, ora sobre a verde relva.
 Entretanto, por altas
 Ribanceiras as águas se despenham,
 Cantam no bosque as aves
 E das fontes o doce murmúrio
 Convida a um brando sono.
 Mas quando o Inverno do Tonante Jove
 As chuvas traz e as neves,
 Ou daqui e dali anda batendo
 Com muitos cães o mato,
 Para que os feros javalis nos laços
 Que tem armado, caiam;
 Ou com leve varinha as ténues redes
 Arma aos vorazes tordos
 Ou ao grou estrangeiro; e a lebre tímida,
 Prémio jucundo, apanha.
 Quem dos tristes cuidados que Amor causa
 Entre isto não se esquece?
 E se a casta mulher e doces filhos
 (Qual a Sabina ou de Apulo ligeiro
 A Esposa ao sol crestada)
 Com seca lenha o sacro fogo acende,
 Quando o Marido chega,
 Cansado, e no curral o gado
 Farto, lhe ordenha as tetas
 E, do jucundo pote vinho novo
 Tirando, lhe apresenta
 Manjares e iguarias que não foram
 Comprados por dinheiro, —
 Não gostarei mais eu de ostras do lago
 Lucrino atuns ou scaros,
 Se algum ao nosso mar trouxer o inverno
 Das ondas do Oriente.
 Não virá ao meu ventre a ave africana
 Nem o átagem jónico,

acerca da vida campestre, elogio que era, veladamente, o da liberdade. Queixa-se dos aborrecimentos que a vida citadina lhe deu, e suspira pela tranquilidade campesina: no fundo, o que atrai este sibarita é o sossego pelo sossego, para gozar plenamente os prazeres espirituais e epicuristas do convívio com os amigos, e ainda a vida repousada que devia à boa amizade de Mecenas. Ele encontrara-se envolvido, a bem ou a mal, na guerra civil, fora arrastado pela ressaca, vira-se, talvez, à beira do abismo; a amnistia dera-lhe a oportunidade de salvar-se, de refazer toda a sua vida; Mecenas, depois, proporcionara-lhe a *aurea mediocritas* tão favorável ao seu sibaritismo: daí o elogio constante do seu illustre protector, insistentemente feito em toda a sua obra, enjoativamente, e a sátira VI a que aludimos.

O poderoso ministro de Augusto, que se tornou protótipo de quantos protegem, interessada ou desin-

Mais grato que a azeitona das mais férteis
Oliveiras colhida,
Ou do prado as labças, ou as malvas
Ao corpo saudáveis,
Ou a cordeira, que se sacrifica,
Nas festas do Deus Termo,
Ou o tenro cabrito, que da boca
Do Jobo foi tirado.
Entre manjares tais, que bela coisa
É ver vir apressadas
As ovelhas correndo para casa,
Depois de apascentadas!
Ver os cansados bois vir do trabalho,
No lânguido pescoço
Trazendo o arado, com o duro ferro
Voltado para cima!
E de escravos nascidos mesmo em casa
Ao pé do lar o enxame!
— Assim como acabou de dizer isto,
Alfio, o usureiro,
Já resoluto a ser homem do campo,
No meio do mês logo,
Cuidou de arrecadar todo o dinheiro
Que a juro tinha dado.
Mas já pera o princípio do seguinte
Cuida em tornar a dá-lo.

teressadamente, as Letras e as Artes, ofertara ao poeta uma vila campestre na Sabina. Ai, repousadamente, pôde ele entregar-se aos prazeres da vida campesina, não porque nutrisse qualquer interesse pelos trabalhos agrícolas, mas pelo sossego de que podia desfrutar para se entregar à composição dos seus versos e adquirir aquela filosofia, *sagesse* que constituía o escopo de vida de todo o romano com preocupações intelectuais. Só na sua vila poderia ele, de facto, viver tranquilo, longe do vespeiro da Urbe, do ruidoso Forum, das intrigas dos politicantes, de tudo, enfim, que constituía atractivo para tantos outros. É esse sossego na liberdade da vida campesina que o seu vizinho Cérvio lhe conta sob a forma de apólogo, em que intervem os dois ratos, o do campo e o da cidade. Vale a pena transcrever os passos em que ele invoca directamente a vida do campo, para lhe fazer o elogio e o do seu sossego:

*«Hoc erat in votis: modus agri non ita magnus,
Hortus ubi, et tecto vicinus jugis aqua fons,
Et paulum silvæ super his foret. Auctius atque
Di melius fecere. Bene est. Nil amplius oro,
Maia nate, nisi ut propria hæc mihi munera faxis.
Si neque majorem feci ratione mala rem
Nec sum facturus vitio culpave minorem;
Si veneror stultus nihil horum: «O si angulus ille
Proximus accedat, qui nunc denormat agellum!
O si urnam argenti fors quæ mihi monstret, ut illi,
Thesaurò invento qui mercenarius agrum
Illum ipsum mercatus aravit, dives amico
Hercule!
Perditur hæc inter misero lux, non sine votis:
O rus, quando ego te adspiciam? quandoque licebit
Nunc veterum libris, nunc somno et inertibus horis
Ducere sollicitæ jucunda oblivia vitæ?
O quando faba, Pythagoræ cognata, simulque
Uncia satis pingui ponentur oluscula lardo?
O noctes cenæ que deum, quibus ipse meique!
Ante Larem proprium vescor, vernasque procaces
Pasco libatis dupibus (1)»*

(1) Transcreyemos a excelente versão de António Luis de Seabra.

Um espaço de campo, não tão vasto,
Com seu vergel, perene e pura fonte
Junto da casa, um pequenino bosque.

Depois de Horácio cremos que só o amável Tibulo, cuja curta vida parece ter sido votada apenas ao Amor, voltou, e uma vez só, a fazer o elogio da vida campestre, que ele canta com todo o enternecimento da sua alma sensível, que o deus vendado constantemente perseguia e feria.

Mas nem mesmo no meio da sua *rêverie* campesina, visionando as doçuras da vida tranquila da aldeia, ele esqueceu, ele pôde esquecer essa Délia plebeia, a que o ligou amor inalterável, misto de sensual e sensível, cheio de doçura e diríamos quase candidez, se na alma de um romano da época imperial tal sentimento pudesse abrigar-se:

«Divitijs alius furbo sibi congerat auro,

Et teneat culti jugera multa soli,

Quem labor assiduus vicino terreat hoste

Martia cui somnos classica pulsa fugent.

Me mea paupertas vita traducat inertis,

Dum meus assiduo luceat igne focus;

Eis o que anelei sempre — O Ceu benigno

De sobejo me ouviu — Bem! — doravante,

Filho de Maia, pedir-te-ei sòmente,

Que destes bens na posse me conserves.

Se a herdade, mor não fiz por via iníqua,

Nem menor a farei por vício, ou culpa;

Se alucinado não depreco, e exclamo,

«Ah! quem me dera o ângulo vizinho,

«Que além me está desalindando o prédio!

«Oh! se uma talha d'oiro deparasse,

«Como aquel'outro pobre arrendatário,

«Que o mesmo chão comprou co'a mina achada,

«Rico por graça de Hércules propício!

..... Venturoso campo!

Quando o momento chegará de ver-te?

Quando deste viver atribulado,

Em livres horas, em suave sono,

Ou na lição de antigos escritores,

Saborearei jucundo esquecimento?

Quanto perante mim verei na mesa

A fava de Pitágoras parenta,

E de pingue toucinho as fartas ervas?

Oh! serdes imortais! divinas ceias!

Por mim, c'os meses, no próprio Lar comidas!

*Ipsæ seram teneras maturò tempore vites
 Rusticus, et facili grandia poma manu;
 Nec Spes destituat, sed frugum semper acervos
 Præbeat, et pleno pinguis musta lacu.
 Nam veneror, seu stipēs habet desertus in agris,
 Seu vetus in trivio florea sarta lapis:
 Et quodcumque mihi pomum novus educat annus,
 Libatum agricolæ ponitur ante deo.
 Flava Ceres, tibi sit nostro de rure corona
 Spicæ, quæ templi pendeat ante fores,
 Pomosisque ruber custos ponatur in hortis,
 Terreat ut sæva falce Priapus aves.
 Vos quoque, felices quondam, nunc pauperis agri
 Custodes, fertis munera vestra. Lares.
 Tunc vitula innumeros lustrabat cæsa juvencos:
 Nunc agna exigui est hostia parva soli.
 Agna cadet vobis, quam circum rustica pubes
 Clamet: « lo, messes et bona vina date ».*

*Jam mihi, jam possim contentus vivere parvo,
 Nec semper longæ deditus esse viæ,
 Sed Cantis æstivos ortus vitare sub umbra
 Arboris, ad rivos prætereuntis aquæ.
 Nec tamen interdum pudeat tenuisse bidentem,
 Aut stimulo tardos increpuisse boves.
 Non agnam sine piceat fetum capellæ
 Desertum, oblita matre, referre domum.
 At vos exiguo pecori, furesque lupique,
 Parcite; de magno est præda petenda grege.
 Hic ego pastoremque meum lustrare quotannis,
 Et placidam soleo spargere lacte Palem.
 Adsiit, divi, nec vos e paupere mensa
 Dona, nec e puris spernate fictilibus.
 Fictilia antiquus primum sibi fecit agrestis
 Pocula, de facili composuitque luto... » (1).*

Mas esta admiração dos romanos do tempo de Augusto pelas doçuras da vida campestre não traduziam um gosto decidido pelo ruralismo, que, no

(1) Transcreve-se a versão portuguesa de António Aires de Gouveia Osório, publicada pela primeira vez n' *O Instituto*, vol. V (1857), pág. 177 e ss.:

Riquezas para si outro acumule
 D'ouro, luzente, e de terreno fértil
 Muitas jeiras domine, a quem assíduo
 Cuidado oprima em face do inimigo,
 e da tuba o clangor afaste o sono:
 D'ócio folgado a vida me conceda

fundo, se considerava só próprio de seres inferiores, vida de trabalho árduo, que se deixava aos escravos.

Minha pobreza entanto, e bruxuleie
Com poucos fogos a lareira minha.

Eu mesmo, na estação acomodada,
A terra vide e as árvores frutíferas,
Lavrador, plantarei com mão atenta.

Nem Esperança me iluda; antes de frutos

Sempre sebes me dê a em pingues mostos

Trasbordando o lagar; pois quer nos campos

Despido tenho a mostre, quer vestida

De floridos festões, na encruzilhada,

Antiga pedra a represente à vista,

Eu a venero e ao deus dos lavradores

O mimo do pomar, primícias do ano,

Libado offerto. — Que d'espiga a c'roa,

Ó loura Ceres, do meu campo tenhas

Do templo teu na porta pendurada;

E que Priapo na horta se coloque,

Rúvido sentinela, afugentando

Com a foice cruel as aves tímidas.

Vós também, lares meus, benignos guardas

Do campo, outrora pingue, hoje tão pobre,

Tereis as vossas dádivas. Exangue

A cândida novilha então lustrava

Da inúmera manada os mil novilhos:

Agora é farta vítima, ostentosa,

De pequeno campinho uma cordeira!

Uma cordeira imolarei clamando

A agreste juventude em torno « Salvè!

Férteis searas e bons cachos dai-nos ».

Contente já me apraz viver com pouco,

Sem a longas viagens confiar-me;

Desencalmado, pelo ardor do estio,

Passar à sombra d'árvores a sesta,

Do rio junto à veia trepidante.

E nem me peje, alguma vez, da enxada

Lançar mão, instigar os bois tardios

Com a aguilhada; nem ao colo a cria

Para casa trazer, da mãe perdida,

A diminuta grei poupai, ó lobos,

Ó ladrões; em rebanho numeroso

Deve a presa buscar-se. — Aqui costume

Lustrar cad'ano o meu pastor, e Pates

Plácida aspergir com puro leite.

Favorecei-me, ó deuses; nem os mimos

Da parca mesa, nem das puras bithas

Menosprezeis: o lavrador antigo

Foi quem primeiro, para si, de barro

Os copos engendrou co'a argila fácil.

O elogio da vida simples — que vamos, muitos séculos depois, tornar a encontrar, como *leit motiv*, nos pré-românticos do século XVIII e nos primeiros românticos do imediato — esse elogio traduzia mais uma ânsia de paz como contraste contra a agitação tumultuária da vida social, ou contra as incertezas da guerra civil que trouxe Roma em estado de sobressalto durante mais de um século. O que vemos, lendo Horácio ou Tibulo, é o anelo pelo repouso, naquele para poder, em paz, viver na *aurea mediocritas* que sonhava, poetando e louvaminhando o grande homem que o protegia, neste para em paz poder sonhar e dar largas à melancolia enquanto lhe ia fugindo a vida.

A grande lição de Virgílio não voltou a ser seguida. A vida agrícola cada vez mais era abandonada pelos descendentes dos rudes companheiros de Rómulo e dos romanos da época republicana. As cidades tornavam-se tentaculares e, tal como em nossos dias, eram o fulcro à volta de que girava toda a vida da nação. Os trabalhos dos campos deixavam-se aos escravos e mesmo assim, sem qualquer interesse de maior pelo desenvolvimento dos germes e sua maturidade. O povo infimo, a vaza que enchia de vozeria e de odores repelentes as ruas estreitas da Suburra, só pensava em gozar, seguindo a lição que lhe davam as classes superiores, que viviam na indolência e no luxo. Nem já a guerra constituía atractivo para a mocidade ambiciosa que, perdida pela ociosidade, passava o tempo pelas termas e pelos balneários públicos, ou ouvia indolentemente e enfastiada o discurso de qualquer orador de fama que, no *forum*, pleiteava uma causa insignificante. Haviam já passado os grandes dias de Cícero e de Hortênsio.

Mas, apesar disso, houve quem se abalançasse a escrever um novo tratado de agricultura, com a particularidade curiosa de participar da exposição em prosa, como fizera Varrão, e em verso, como Virgílio: o gaditano Lúcio Júnio Moderato Columela, cujos *De re rustica libri XII* abrangem os assuntos já tratados por Virgílio e mais ainda, pois tratam também dos jardins. É, porém, obra eminentemente

didáctica, embora nos livros X e XI escritos em verso, se esforçasse por parecer artista, pretendendo, diz-se que a pedido de amigos, completar a obra de Virgílio, em cujas *Geórgicas* o Mantuano alude ao seu propósito de um dia cantar os jardins, que, no entanto, deixava a outros para concluir:

« *Veram hæc ipse equidem, spatiis exclusus iniquis,
Prætereo, atque aliis post me memoranda relinquo* » (1)

No seu tempo também o médico Celso escreveu uma vasta *Enciclopédia*, cujos primeiros cinco livros tratavam da agricultura, mas se perderam.

O ilustre Plínio, o « Velho », morto durante a célebre erupção que destruiu Pompeia, Herculano e Estábias, é principalmente conhecido por haver deixado uma *História natural* em 37 livros, sem grande valor científico, mas ainda hoje valiosa pelas informações de carácter arqueológico e linguístico. Não é propriamente uma obra como as que, modernamente e a partir de Buffon, se têm publicado com o mesmo nome, mas uma enciclopédia escrita ao correr da pena e abrangendo os assuntos mais díspares. Nos livros XII a XIX trata dos vegetais e, logicamente, da agricultura. É o último dos autores da Antiguidade a versar tal assunto, que só muito mais tarde seria retomado. Não voltamos a ouvir falar de tratados de agricultura; tampouco chegara ainda a época de os artistas da palavra irem à vida rural inspirar-se para as suas obras. A grande era antiga vai terminar: sentem-se já as convulsões subterrâneas que vão pôr-lhe termo; os germes da destruição não se encontram tanto nas fronteiras, como no coração do próprio Império romano.

—————

—————

(1) *Geórg.* IV, 147-148.

Mas circunscrito num espaço estreito,

Dou de mão a este assunto; outros poetas

De mim após virão, que os solenizem.

(Francisco Freire de Carvalho, *ob. cit.* pag. 108).

Um mundo novo vai nascer, novos ideais, novas concepções de vida, novas aspirações, novos anelos impõem uma nova civilização: a antiga está caduca — está podre. Antes, porém, que outra a substitua, vai o Mundo sofrer mais uma das maiores convulsões políticas e sociais da sua história, cujas repercussões se farão sentir por cinco séculos: as invasões dos Bárbaros. Então terminará a Idade antiga.